

A Função da arte

Cândida Borges

Neste artigo, uma reflexão sobre a função da arte é tecida a partir do livro “A necessidade da Arte”, de Ernst Fisher.

Numa abordagem dialética, este autor apresenta diversas definições, idéias e conceitos em contraste, problematizados por questões levantadas pelo ele próprio.

Para conduzir a discussão, o autor utiliza como metodologia o confronto de idéias e conceitos subjacentes à questão principal, sob uma perspectiva político-social.

Logo de início, o autor levanta algumas possíveis características da arte: sua indispensabilidade, segundo Cocteau, e a sua propriedade de equilibrar a realidade caótica atual, segundo Mondrian. A arte teria, então, a função de “substituto da vida”, considerando-se que na sua natureza ela é e sempre será necessária. Esta consideração é premissa na reflexão do autor, conforme assumido por ele na página 12.

A problemática da discussão é: que fenômeno é este que faz com que milhões de pessoas em todo o mundo busquem o teatro, a música, o cinema, e outras artes? Por que, desde o surgimento da humanidade, observa-se algum tipo de manifestação artística?

As respostas passam pela sensação de diversão e relaxamento, e pela busca da plenitude do homem em sua essência, para torná-lo “uno com o todo”, através da vivência de experiências além de sua realidade cotidiana.

Em contrapartida, o autor apresenta um lado mais materialista da arte, como uma tentativa do homem de controlar a realidade pela racionalidade e objetividade, superando os impulsos emocionais – “a tensão e a contradição são inerentes à arte”.

Interpretando uma citação de Brecht, o autor aponta mais uma habilidade da arte: a propriedade de criar efeitos em quem a absorve, de maneira a guiar pensamentos e suscitar emoções. Persuasão pode ser adicionada à lista de propriedades da arte. Podemos dizer que lhe atribui uma função de linguagem, em que se comunicam idéias e conceitos, e no caso do texto houve uma menção especial para a política social. Esta parece ser a definição que mais agrada o autor, quando diz “a obra de arte deve apoderar-se da platéia não através da identificação passiva, mas através de um apelo à razão que requeira ação e decisão”.

Neste momento, o autor deixa transparecer algumas colocações pessoais questionáveis, que interferem na discussão. Por exemplo: “no mundo alienado em que

vivemos”, “de maneira que o espectador seja levado a algo mais produtivo que a mera observação... e incitado a formular um juízo”.

Reconhece-se a mutabilidade da “razão de ser” da arte. Sua função tem se modificado historicamente, desde a sua função original (a qual o autor até então não explica, apenas menciona) até a da arte das sociedades “em que a luta de classes se aguçava”!!! Entretanto, observa-se uma verdade permanente, que, segundo o autor, é o que faz com que nos comovamos com manifestações artísticas anacrônicas ao nosso contexto, como por exemplo as pinturas pré-históricas. Trata-se de um *momento de humanidade*, segundo Marx, que faz com que a arte supere a sua limitação histórica particular. Coloca-se uma dicotomia com o conceito que o autor expõe, dizendo que ao mesmo tempo “toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as idéias e aspirações”.

Nesta perspectiva, a arte tem a capacidade de contar a história da humanidade, compondo um quadro de fragmentos que se diferenciam pelas apreensões históricas, ao mesmo tempo em que se unificam pela manutenção de traços constantes do ser humano.

Na conclusão, o autor traça um panorama histórico da função da arte. Primeiramente, na sua origem (???), atribui-lhe uma propriedade *mágica*, que, associada à ciência e à religião, ajudava a dominar o mundo real inexplorado. Posteriormente, passa a ferramenta de reconhecimento e transformação das relações sociais. Esses papéis se revezam, segundo “o estágio alcançado pela sociedade”(??), ora tendendo mais ao mágico e intuitivo, ora mais ao racional. Nesse jogo de opostos, o autor reconhece um função comum, um ponto de encontro onde deve estar a sua essência. É a capacidade da arte de completar o homem com a possibilidade de ser e ter, que a torna indispensável para conhecer e mudar o mundo, proporcionando a magia que impulsiona todas as realizações do homem. Conclui-se a que a arte é dialética em sua essência, porque congrega elementos opostos, tais como a mágica e a racionalidade.

O texto requer uma leitura cuidadosa, para mantermos uma visão crítica das opiniões e da experiência do autor. Muitos conceitos estão implícitos às suas colocações, e precisam ser evidenciados para se compreender a trajetória do seu pensamento sobre esta questão. Além disso, penso que alguns outros conceitos precisam ser revistos para se aprofundar esta compreensão.

Primeiramente, acredito que seja importante para esta reflexão entender a arte sob duas perspectivas diferentes: a de quem faz e a de quem apenas aprecia, e suas variações

dentro de cada sociedade. Para esses grupos, a arte se insere nas suas vidas diferentemente e assim pode assumir funções completamente opostas.

Outra questão importante é a unificação dos diferentes tipos de arte, que possuem características intrínsecas que lhes dão perfis muito diferentes. Considero que a música, o teatro, as artes plásticas, a dança, etc., não possuem a mesma natureza, e por este motivo promovem efeitos diferenciados. Desta maneira, não podem ser analisadas genericamente. Cada uma delas precisa de uma reflexão especial para entender a maneira como se inserem nas sociedades e conseqüentemente qual função lhes pode ser atribuída nestes casos.

Outro fator influi: os aspectos culturais de cada comunidade. Uma dará mais importância a um tipo de arte do que outra, e assim suas funções não serão as mesmas de uma outra comunidade que valorize mais outro tipo de arte. Essa valorização pode inclusive determinar o grau de desenvolvimento que esta arte tenha entre os artistas desta comunidade.

Diante destes três novos fatores, alguns conceitos discutidos no texto precisam ser revistos.

Sobre a capacidade da arte de despertar no homem experiências não vividas, pode-se perguntar: alguém que vai ao teatro e assiste um assassino vive a *agressividade* da mesma forma que o ator? E alguém que vai a um concerto sente o “drama” de uma toccata de Bach da mesma forma que sentiria em uma peça desta natureza? A questão que se coloca é se todas as artes podem completar a experiência humana da mesma maneira, e se esse efeito é sentido da mesma maneira por quem faz (artista) e quem assiste (espectador).

O autor afirma que “o trabalho para um artista é um processo altamente consciente e racional”. Nesta afirmação, é preciso buscar o conceito de trabalho e artista a que o autor se refere para aplicar esta afirmativa. Parece que o conceito do autor exclui os artistas amadores ou espontâneos que na maioria das vezes não utilizam a lucidez e a racionalidade para se manifestarem artisticamente. Artista é quem produz a arte como profissão ou trabalho, ou qualquer ser humano que se manifeste através de uma linguagem específica? O que dizer dos orientais (e mesmo ocidentais) que utilizam recursos embriagantes durante a performance? Quanto de consciência e racionalidade eles têm do processo?

E talvez precisemos levar o questionamento mais a fundo: O que é a arte? Qual a fronteira entre os objetos e os atos cotidianos com os objetos de arte e as performances?

O autor parece ter uma visão tendenciosa para o teatro, principalmente quando fala da função política da arte. Nesta finalidade de convencer e instigar, talvez o teatro (ou a dança) seja a arte de comunicação mais imediata ao público. Eu acredito que as demais

artes precisem de um conhecimento na área para que cause um reflexo tão objetivo. Assim, talvez seja mais adequado atribuir esta função para o teatro (ou a dança) do que para a música (ou as artes plásticas).

Para concluir, considero a leitura bastante elucidativa na medida em que propõe uma reflexão embasada e instigante para a questão. A argumentação do autor com ele próprio e em alguns momentos com outros autores cria uma atmosfera de discussão, onde a dialética pode ser bem desenvolvida, pela dinâmica entre os confrontos e encontros de idéias.

Sobre a função da arte, creio que o assunto não tenha se esgotado para minha compreensão sem levar em conta os fatores que apontei anteriormente. Parece-me que a arte possui muitas facetas e habilidades, que permeiam muitas áreas do conhecimento. Portanto, a sua definição inexiste como um conceito exato e restrito.

Fonte:

FISHER, Ernst. A necessidade da arte. 9ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1983.

Cândida Borges
Rio de Janeiro, 17/03/2003